

Memórias imagéticas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: algumas questões curriculares sobre um acervo fotográfico da UERJ

Memorias imagéticas de la Universidad del Estado de Río de Janeiro: algunas cuestiones curriculares sobre el acervo fotográfico de la UERJ

Imagery memories of University of Rio de Janeiro's State: some curricular issues about a UERJ'S photo collection

Nilda GUIMARAES ALVES

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil)
nildag.alves@gmail.com

Alessandra DA COSTA BARBOSA NUNES CALDA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil)
nunesaldas@hotmail.com

Rebeca SILVA ROSA BRANDÃO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil)
rebecasbr@gmail.com

Thais DIAS DA SILVA BARCELOS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil)
barcelosthais@yahoo.com.br

RESUMO: O trabalho apresentado neste artigo se desenvolveu durante a pesquisa homônima. Tal pesquisa foi impulsionada pela necessidade de preservação e divulgação de um acervo fotográfico do qual seu responsável se afastaria por motivo de aposentadoria, o que preocupou diversos pesquisadores da universidade, já que seu afastamento poderia acarretar na perda e no total esquecimento deste acervo. Trata-se do acervo do fotógrafo oficial da UERJ, J. Vitalino, existente em uma sala ('seu laboratório') no 12º andar no 'campus' Maracanã da UERJ composto por 30 mil fotografias, aproximadamente, e que foi tomado como 'corpus' nesta pesquisa, com objetivo de organizá-lo e disponibilizá-lo aos pesquisadores interessados pela história institucional da UERJ, além de desenvolver pesquisa sobre aspectos curriculares da UERJ. O contato com o acervo desencadeou na

tessitura de diversas temáticas: o movimento negro e a presença de negros/as na UERJ; a presença de estudantes nas fotografias; *'espaçostempos'* de *'aprenderensinar'*; etc. Para o aspecto metodológico-epistemológico buscamos nos orientar com os trabalhos de: Deleuze e Guattari através da ideia de «personagens conceituais», pois consideramos as imagens desta forma bem como com os trabalhos de Kossoy acerca das pesquisas sociais com imagens. As questões curriculares desenvolvidas foram embasadas com a noção de «tessituras curriculares» de Oliveira e Alves.

Palavras-chave: Fotografias; tessituras curriculares; personagens conceituais; narrativas.

RESUMEN: El trabajo presentado en este artículo se desarrolló durante La investigación homónima. Tal investigación fue impulsada por la necesidad de preservación y divulgación de un acervo fotográfico del cual su responsable debía alejarse por motivos de jubilación, lo que preocupó a diversos investigadores de La universidad, ya que su alejamiento podría acabar en La pérdida o total olvido de este acervo. Se trata del acervo fotográfico oficial de la UERJ, J.Vitalino, existente en una sala (su laboratorio) en el piso 12° Del *'campus'* Maracanã de la UERJ, compuesto por 30 mil fotografías, aproximadamente, y que fue tomado como *'corpus'* en esta investigación, con el objetivo de organizarlo y disponibilizarlo a los investigadores interesados por la historia institucional de la UERJ, además de desarrollar investigaciones sobre aspectos curriculares de La institución. El contacto con el acervo desencadenó en La tesitura de diversas temáticas: el movimiento negro y la presencia de negros/as en la UERJ; la presencia de estudiantes en las fotografías; *'espaciotiempos'* de *'aprenderenseñar'*; etc. Para el aspecto metodológico-epistemológico buscamos orientarnos con los trabajos de: Deleuze y Guattari a través de la idea de «personajes conceptuales», pues consideramos las imágenes de esta forma y también con los trabajos de Kossoy acerca de las investigaciones sociales con imágenes. Las cuestiones curriculares desarrolladas fueron abordadas con las nociones de «tesituras curriculares» de Oliveira y Alves.

Palabras-clave: Fotografias; tesituras curriculares; personajes conceptuales; narrativas.

ABSTRACT: The work presented in this article was developed during the research with the same name. Such research was boosted by the need of preservation and disclosure of the photo collection whose the responsible should move away because of retirement, which worried many university's researches, since this fact could lead the collection's loss and forgetfulness. It is the UERJ's official photographer collection, J. Vitalino, existing in a room (his laboratory) located on the 12° floor at the UERJ's Maracanã campus, made of about 30 thousand photos and it was taken as the *'corpus'* of this research, with the objective of organizing it and make it available to the researches with interest in UERJ's institutional history and developing researches about its curricular aspects. The contact with the collection triggered in the tessitura of many theme: the black movement and the presence of black people in UERJ; the students presence in the photos; *spacetimesdelearnnteach*; etc. To the methodological-epistemological aspect we search to orient ourselves with the works os: Deleuze e Guattari through the concepts of «conceptual characters», because we consider the images this way; with the works of Kossoy about the social researches with images. The curricular issues developed were based with notions of curricular tessituras of Oliveira and Alves.

Key words: Photos; curricular tessituras; conceptual characters; narrative.

O compromisso da fotografia é com o aparente das coisas. A fotografia é certamente um registro do visível; ela não é, nem pretende ser, um raio X dos objetos ou das personagens retratadas. Seu fascínio reside exatamente aí, na possibilidade que oferece à pesquisa, à descoberta e às múltiplas interpretações que os receptores dela farão ao longo da História.

Boris Kossov

1. DE ONDE PARTIMOS: INTRODUÇÃO

NA CORRENTE DE PESQUISA em que trabalhamos – pesquisas com os cotidianos – consideramos as imagens, os sons e as narrativas como «personagens conceituais», tal como praticado e pensado por Deleuze e Guattari (1992) para indicar que precisamos do «outro» para desenvolver ideias, teorias, criar conceitos. Para estes autores

o personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os «heterônimos» do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens (Deleuze & Guattari, 1992, p.78).

Nas palavras desses autores precisamos de «outros» para criar, de «intercessores» e se não os temos, precisamos criá-los:

É preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê (Deleuze & Guattari, 1992, p. 156)

Assim, consideramos que, nas pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos, aquilo que é produzido nos processos que colocamos em curso nelas não são «fontes» e sim elementos que funcionam permitindo que criemos «personagens conceituais» que nos fazem questionar o que vamos percebendo nos processos de pesquisa e com os quais criamos ‘*conhecimentossignificações*’¹, fazendo avançar o pensamento. Assim, no desenvolvimento de uma pesquisa, entendemos que esses «personagens conceituais» permanecem conosco muito tempo permitindo a criação de ideias, teorias, práticas e metodologias, o tempo todo.

¹ Este modo de escrever esses termos – em itálico, reunidos e com aspas simples – tem a ver com a necessidade que sentimos, nas pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* que desenvolvemos, em mostrar e superar os limites herdados do modo de criar conhecimento próprio da ciência moderna, buscando ir além das dicotomias necessárias à produção do conhecimento científico em seus inícios.

Desta forma, buscamos estratégias metodológicas para produzir nossos «personagens conceituais», que são as imagens – no caso da pesquisa que tratamos neste texto, são fotografias – e as narrativas de *'praticantespensantes'*² da pesquisa, no caso o fotógrafo cujo acervo estudamos e diversos fotografados. Assim, neste texto, como na pesquisa em que foi estudado³, trabalhamos com um acervo fotográfico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), produzido pelo fotógrafo J. Vitalino, e sobre o qual nos debruçamos para organizá-lo, digitalizá-lo, em parte (unicamente as fotografias em P&B), buscando compreender os processos curriculares existentes nessa universidade e fazer conhecida a obra e a biografia deste fotógrafo oficial da UERJ.

Mergulhar um pouco na história da UERJ através dessas fotografias nos mobilizou em busca de narrativas que nos auxiliasse a compreender os acontecimentos capturados pelas lentes do fotógrafo. Aproximar-se dele nos lançou num processo de alteridade. Pois os *'praticantespensantes'* dessa pesquisa se puseram a *'fazerpensar'* os tantos «outros» existentes nesse acervo – momentos históricos, estudantes, reitores, professores, funcionários, comunidade universitária, autoridades, personalidades de destaque etc.

Buscamos sempre ressaltar que o que fazemos nas pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos não é entrevista, mas sim «conversas». Porque assim gerimos os tantos cotidianos da existência humana: conversando. Para Larrosa:

nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não se havia previsto... e essa é a maravilha da conversa... que, nela, pode-se chegar e dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não poderia dizer... E, mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo... pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... mantendo-as e não as dissolvendo... e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações... e isso é o que a faz interessante... por isso, em uma conversa, não existe nunca a última palavra... (Larrosa, 2003, pp. 212-213).

As conversas são, portanto, um emaranhado de fios que tramam diferentes *'saber-fazer'*, *'prácticasteorias'*, *'conbecimentossignificações'*. Com isso, entendemos que assumimos uma postura teórico-metodológica-epistemológica ética com aqueles que participam dos processos de se *'fazerpensar'* pesquisas em Educação. Afinal, precisamos assumir que entrar em escolas e – no caso dessa pesquisa – em uma universidade, é preciso fazê-lo respeitosamente nos processos de contatos que estabelecemos com aqueles que tecem relações e *'conbecimentossignificações'* nestes *'espaçostempos'*, uma vez que são estes *'praticantespensantes'* que, na história institucional, encontraram e

² Termo apresentado por Oliveira (2012), indo além da ideia de Certeau que os chama de «*praticantes*», mas coerente com o pensamento deste autor que diz que esses criam *'conbecimentossignificações'*, permanentemente, no desenvolvimento de suas ações cotidianas.

³ Esta pesquisa teve por título «Memórias imagéticas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – algumas questões curriculares sobre o acervo fotográfico da UERJ» e foi desenvolvida entre 2009 e 2012, com financiamento CNPq, FAPERJ e UERJ.

encontram as saídas para as questões postas, cotidianamente, nos processos curriculares, políticos e outros.

Esse trabalho, portanto, está organizado em itens que: apresentam as noções das quais partimos para mergulhar nas pesquisas que realizamos referente à corrente de pesquisa da qual somos filiadas; dá enfoque ao projeto de pesquisa realizado com o acervo fotográfico da UERJ, um pouco da história dessa universidade e do fotógrafo J. Vitalino; traz algumas fotografias para '*fazerpensar*' alguns processos curriculares existentes na universidade, como: a presença do movimento estudantil em dois momentos distintos – durante a ditadura civil-militar brasileira e no momento pós-abertura política, da década de 1980. Este movimento nos coloca a '*fazerpensar*' os '*espaçostempos*' registrados como «curriculares», sejam os oficiais, sejam os criados cotidianamente, respondendo às circunstâncias de '*espaçostempos*' diferentes.

2. UMA HISTÓRIA DA UERJ EM IMAGENS

A existência no 12º andar da UERJ (*campus* Maracanã) de uma pequena sala com as fotografias de J. Vitalino, a quem chamávamos «Mestre Vitalino», fotógrafo da Universidade desde 1976⁴, sempre atraiu atenção e curiosidade de todos que circulamos pelo bloco F – bloco de salas de aulas e da coordenação do programa de pós-graduação em Educação da UERJ (ProPed)⁵, ao qual pertencemos como docentes e discentes.

Aos poucos, em especial em 'conversas', foi se formando a convicção de que aquele acervo de fotografias⁶ precisava de um tratamento de pesquisa que incorporasse sua digitalização, permitindo sua perpetuação e disponibilização a um número maior de pesquisadores. Merecia, também, que algumas questões sobre a história da instituição e de agendamentos de currículos na instituição fossem levantadas e respondidas, com o *uso*⁷ que essas imagens e a memória de seu autor permitem, em pesquisa.

A possibilidade de organização do acervo com a presença de seu autor e o diálogo entre as fotografias e a memória que tem dos momentos fotografados foi um grande

⁴ J. Vitalino nos informa que «perdeu» sete anos de trabalho esperando a nomeação definitiva como fotógrafo oficial da UERJ. Assim, seu acervo começa em 1976, incorporando o acervo de fotógrafos ligados ao Palácio do Governador do Rio de Janeiro que fizeram fotografias da construção da Universidade antes dele. Ele só foi efetivado em 1982 e se aposentou na compulsória, em 2008 – nasceu em 26 de junho de 1938 – sem completar os 30 de serviço necessários.

⁵ Já há quatro triênios o ProPed (Programa de Pós-graduação em Educação), da UERJ, tem conceito 7 na Capes, sendo o primeiro curso de Pós-graduação da UERJ a chegar a este conceito. Atualmente é um dos dois programas que possui este conceito entre os 170 programas da área no Brasil.

⁶ Embora encaminhe uma metodologia de *uso de arquivos*, entendemos, que no atual estágio de organização, esse magnífico conjunto de fotografias forma um acervo, entendido ainda como algo reunido mas precisando de uma organização que possibilite atos de pesquisa. Por sugestão do grupo de pesquisa, o Reitor Vieiralves (2007-2011; 2011-2015) adquiriu este acervo e ele se encontra hoje nos organismos de arquivo de memória da UERJ.

⁷ Com base em CERTEAU (1994) este termo aparece como contraponto ao de *consumo* no qual se daria uma utilização de artefatos culturais sem qualquer tipo de mudança. Nossas pesquisas têm mostrado, no entanto, que os '*praticantespensantes*' das múltiplas redes de '*conbecimentossignificações*' criam a partir do «uso» desses artefatos modificando-os sempre e criando diferentes tecnologias.

desafio, em especial com relação a aspectos que interessam às pesquisas de currículos, na corrente a que denominamos de pesquisas *nos/dos/com os cotidianos*⁸: 1) as pessoas fotografadas, em suas práticas, o que as fazem *'praticantespensantes'* (Oliveira, 2012); 2) os *'espaçostempos'* fotografados, entendendo-os como dimensão material do currículo⁹.

Essa pesquisa realizou, portanto, esses dois movimentos: por um lado, organizou o acervo formado pelas fotografias de J. Vitalino, bem como as que estão em sua posse feitas por outros fotógrafos – em geral da construção do prédio e sua primeira ocupação – no Laboratório Educação e Imagem/UERJ (www.lab-eduimagem.pro.br), colocando-o à disposição de pesquisadores. Isso só foi possível com o apoio e a presença do próprio J. Vitalino que buscamos para estabelecer 'conversas' que permitissem conhecer sua trajetória profissional na UERJ e suas sugestões sobre as formas possíveis de organizar seu acervo.

Por outro lado, organizando o acervo, em um primeiro processo de pesquisa sobre o mesmo, formamos algumas séries de fotografias, interrogando-o sobre dois aspectos importantes para a discussão da memória da instituição: 1) em primeiro lugar, em séries de fotografias nas quais o Reitor de cada período estava presente – da posse no cargo a cada *'espaçotempo'* a que comparece durante sua gestão e que J. Vitalino foi chamado para fotografar. Com essas séries foram discutidas as relações entre as pessoas presentes e aspectos das relações que estabeleciam no momento fotografado; 2) em segundo lugar, foram formadas séries de fotografias de *'espaçostempos'* institucionais, nos quais estejam presentes docentes e discentes da instituição, em trabalhos pedagógicos possíveis: salas de aula, laboratórios, corredores etc. Com essas séries foram discutidas as relações entre esses *'praticantespensantes'* (Oliveira, 2012), dentro da compreensão dos *'espaçostempos'* como dimensão material do currículo.

Dessa maneira, o projeto realizou três eixos de ação: 1) desenvolvimento da história do fotógrafo 'oficial' da UERJ – J. Vitalino; 2) desenvolvimento de uma 'história institucional' da UERJ através de fotografias, organizadas em séries diversas, contando com a presença do Reitor de cada período fotografado, de sua posse a solenidades várias, buscando compreender sua relação com as diversas pessoas envolvidas em cada situação; essas séries serão assim, cronológicas – o período referente a cada reitor – e temática – o tipo de cerimônia fotografada; 3) busca da compreensão de aspectos

⁸ Essa é uma corrente em pesquisa que, no Brasil, criada há quase quarenta anos, no Brasil, é desenvolvida por grupos de diferentes instituições. Como exemplo poderia citar: o *Grupalfa*, criado por Regina Leite Garcia (In Memoriam), na UFF; o grupo de estudos e pesquisas sobre Educação Continuada (GEPEC), criado por Corinta Geraldi, na Unicamp; o grupo Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos, coordenado por Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil); o grupo Conhecimento e cotidiano escolar, coordenado por Marcos Reigota, na Universidade de Sorocaba (UNISO, Brasil); o grupo Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar, coordenado por Inês Barbosa de Oliveira, na UERJ; o grupo Currículos, redes educativas, imagens e sons, coordenado por Nilda Alves.

⁹ Retomamos aqui, em *'espaçostempos'* diferentes, as preocupações da tese de titular defendida na Universidade Federal Fluminense (UFF, Brasil), em 1995, publicada em livro em 1998, pela DP&A: ALVES, N. *O espaço escolar e suas marcas – o espaço como dimensão material do currículo*.

curriculares na UERJ, em torno dos *'espaçostempos'* fotografados, considerando os *'praticantespensantes'*, docentes e discentes, presentes nas fotografias nas relações que neles estabelecem, ou seja, nas práticas curriculares presentes nas situações fotografadas. Dentro do limite deste artigo trataremos somente de algumas das situações com que podemos trabalhar.

2.1. O *'praticantepensante'* da fotografia: pensar a prática do fotógrafo

Entendemos que J. Vitalino, um grande *'caminhador'*, nos corredores e *'espaçostempos'* da UERJ, deve ser considerado como um «observador móvel» (Moles, 1991), ou seja, aquele que circula no mundo e a cada momento, se é possível, cristaliza suas sucessivas visões em imagens ou em películas; como síntese dessas imagens recolhidas em lugares diferentes, busca articulá-las em uma explicação do mundo que percorreu (a missão de exploração, a reportagem fotográfica, são, em geral, parte deste método).

Buscando fazer frente aos «epistemicídios» (Santos, 1995) de toda ordem, estabelecidos com os processos de conquista do capitalismo por novas terras e todos os povos do mundo e que foi acelerado no mundo globalizado da atualidade de comunicações variadas, criou-se a ideia de *'patrimônio cultural imaterial e intangível'*.

Em 1993, preocupada com essas perdas, a UNESCO definiu *'patrimônio cultural imaterial e intangível'* como

o conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente e modificadas através do tempo por um processo de recriação coletiva. Integram essa modalidade de patrimônio as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o *'saber-fazer'* dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais (Abreu, 2003).

A esta proposta, ligada a populações especialmente rurais, podemos estender a compreensão dessa ideia à cultura urbana. Nessa, podemos considerar que uma das manifestações importantes desse patrimônio no decorrer do século XX, foi formada pela fotografia que se popularizou durante todo esse século, em especial pelo barateamento dos materiais necessários a sua produção e que têm guardado a memória de manifestações institucionais, familiares, religiosas etc. Por outro lado, governos e instituições, durante todo o período, foram criando a tradição de fotografar em festas ou obras que promoviam, aqueles personagens e *'praticantespensantes'* em seus cotidianos, seus dirigentes, detalhes de seus *'espaçostempos'* curriculares, quando se tratava de escolas articulando, etc. Para nós, legou uma herança a cujos estudos, em pesquisas em variados campos (Ciavatta & Alves, 2004; Müller, 2006), estamos nos dedicando, trabalhando com grupos de fotografias que herdamos de familiares, que encontramos em brechós, que estavam destinados ao lixo...

Desse modo, a pesquisa que desenvolvemos, no *'uso'* de fotografias, possibilitaram criar *'conhecimentossignificações'* acerca da história institucional nos *'usos'* de *'espaçostempos'* diferenciados, sendo assumidas como «personagens conceituais» (Deleuze & Guatari, 1992), ao que já nos referimos.

Naturalmente, pode-se discutir se este acervo, formado por mais de trinta anos por um 'fotógrafo oficial', chamado a fotografar 'situações oficiais', em uma instituição, poderia ser considerado 'patrimônio cultural imaterial e intangível', com a materialidade de suas 30.000 fotografias disponíveis – das quais só trabalhamos 8000, em P&B – muitas delas produzidas para perpetuar governos e gestões. Nos processos de pesquisa que desenvolvemos, pudemos perceber que esta sua 'materialidade' caminha junto com toda uma História tanto da UERJ¹⁰ – com suas tantas pequenas histórias cotidianas que se diferenciam e a complexificam -, como do produtor dessas fotografias, J. Vitalino, fotógrafo formado, inicialmente, por um «fotógrafo importante da Segunda Guerra Mundial»¹¹, em cursos que fez no Sindicato dos Fotógrafos Profissionais que ajudou a organizar e do qual foi presidente, e por fim, em processos de autodidaxia¹². Ou seja, ao lado dessa 'materialidade', existe uma 'imaterialidade' de memórias que têm processos próprios de se desenvolver e que precisam se preservadas, articuladas e, muitas vezes, contrapostas.

2.2. *A fotografia em pesquisa social*

Kossoy (1999), um dos mais presentes autores sobre o uso de fotografias em pesquisas sociais, no Brasil, lembra que

quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber, mergulhando no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento fotográfico) no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstituição quase intuitivo (Kossoy, 1999, p. 132).

No mesmo sentido, Manguel (2001) diz que «imagem e narrativa remetem uma à outra», incessantemente, em processos permanentes. Nas múltiplas experiências que tivemos, em outras pesquisa, «ver» uma fotografia significou/significa, sempre, contar histórias, em «narrativas» sobre a situação retratada ou sobre outra que aquela imagem lembra, ou, ainda, sobre pessoas que nela estão ou que, 'justamente' não estão, mas 'que dela lembrei porque...' E, também, o sentido inverso se dá quando, narrando um fato acontecido, alguém diz: «espera que tenho uma fotografia ótima deste dia...». E,

¹⁰ Um dos grandes 'mitos' ou 'metáforas' da UERJ sobre seu passado está na presença de um telefone vermelho no gabinete do Reitor pelo qual, em tempos idos, 'de maior autonomia', como dizem tantos, o Reitor podia falar diretamente com o governador. Essa história é mantida pelo esquecimento de que, provavelmente, ao contrário, 'nessas épocas' isso se dava às custas de uma proximidade grande entre Governador e Reitor que se traduziria, talvez, em uma grande subordinação administrativa e financeira, pois feita por caminhos individuais e jamais com o conhecimento e as decisões das instâncias coletivas representadas, hoje, pelos diversos conselhos superiores da Universidade.

¹¹ Modo como J. Vitalino se refere ao seu primeiro formador, o fotógrafo Joaquim Venâncio.

¹² Para Frijhoff (1996), «a autodidaxia só é detectável de modo difícil e raro (...) [pois] se situa em posição antípoda de instâncias coletivas que geram arquivos públicos (...) [e sendo uma prática cultural] só se documenta se há um ato de vontade individual (...) [que consegue mostrar a distância entre] o vazio cultural ou social percebido no ponto de partida de uma trajetória individual e a riqueza inesperada em seu ponto de chegada» (p. 7).

esquecendo o relato, se levanta para buscar, em outro cômodo, a tal fotografia que chegando, lembra uma história diferente da que estava sendo lembrada até então.

Por isso mesmo, Kossoy (1999) afirma que «fotografia é memória e com ela se confunde», acrescentando:

o estatuto de recorte espacial/interrupção temporal da fotografia se vê rompido na mente do receptor¹³ em função da visibilidade e do «verismo» dos conteúdos fotográficos. A reconstituição histórica do indivíduo rememorando, através dos álbuns, suas próprias histórias de vida, constitui-se num fascinante exercício intelectual onde podemos detectar em que medida a realidade anda próxima da ficção (Kossoy, 1999, p. 132).

Por tudo isto, com todo o fascínio que exerce sempre, o uso de fotografias em pesquisas sociais tem exigido dos pesquisadores – e em especial, dos pesquisadores, *nos/dos/com os cotidianos*, porque a elas se junta a incorporação das narrativas sobre elas, como necessidade epistemológica – atenção teórico-metodológica e teórico-epistemológica redobrada, considerando, inclusive que ela se dá sobre o que vem sendo chamada História do Tempo Presente, com as questões que acrescenta, de tomadas de posições políticas a defesas institucionais, «utilizações interesseiras», como as chama Kossoy (1999, p. 133), o que aparece com frequência.

Dessa maneira, é preciso assumir que o trabalho de pesquisa feito com/através de fotografias não se esgota na análise iconográfica – seus elementos de composição, modo como foi feito, conhecimento ou reconhecimento do ‘*espaçotempo*’, situação social e mesmo nomes dos presentes etc. Esse trabalho requer, ainda, «uma sucessão de construções imaginárias» (Kossoy, 1999, p. 133), pois

o contexto particular que resultou na materialização da fotografia, a história do momento daquelas personagens que vemos representadas, o pensamento embutido em cada um dos fragmentos fotográficos, a vida enfim do modelo referente – sua ‘realidade interior’ – é, todavia, invisível ao sistema ótico da câmara. Não deixa marcas na chapa fotossensível, não pode ser revelada pela química fotográfica, nem tampouco digitalizada pelo ‘scanner’. Apenas imaginadas (Kossoy, 1999, p. 133).

Assim é que precisamos compreender que se o momento fotografado não retorna jamais, nem com um possível cruzamento de depoimentos, de memórias, a pesquisa, trouxe «processos de construção de realidades» (Kossoy, 1999, p. 140), que se dá sempre, no momento de intervenção do pesquisador. Particularmente, com a fotografia, esse autor identifica dois tipos de processos: a) o «processo de construção da representação, isto é, da produção da obra fotográfica propriamente dita, por parte do fotógrafo»; b) o «processo de construção da interpretação, isto é, a recepção da obra fotográfica por parte dos diferentes receptores; suas diferentes leituras em precisos momentos da história» (1999, pp. 41-42).

¹³ E, naturalmente, do próprio fotógrafo quando passa ao estatuto de receptor no momento em que revê as fotografias que fez e tem ‘histórias para contar’ do seu ato de fotografar e do que acontecia o levou a fotografar.

Nesta pesquisa tivemos uma situação de privilégio pois podemos ‘conversar’ tanto com o fotógrafo, como com muitos dos fotografados, a isto se incorporando aquilo que foi dito por jornais da época e as articulações e interpretações a que podemos nos dedicar enquanto pesquisadores.

Para desenvolvê-la foi preciso tanto uma análise iconográfica, como de uma interpretação iconológica. Assim, a condição de analisar uma fotografia em seus elementos: que ‘situação’ foi retratada; quem nela aparece; como se comportam entre si os que nela estão fotografados; em que ‘*espaçotempo*’ a fotografia foi feita; que séries podem ser organizadas a partir de um ‘arranjo’ de fotografias em torno de um tema ou em uma certa cronologia – é isto o que permite ‘decodificar’ informações implícitas/explicitas do que podemos ‘ver’ dentro de um determinado contexto e com certos objetivos, a partir das redes educativas que formamos e que nos formam.

Articulando esses elementos, demos atenção a como as pessoas presentes têm os seus corpos: proximidade e distanciamento; os múrmúrios ao ouvido; os sorrisos e as caras sérias; o modo como estão vestidas; quem tem a palavra; quem faz a ação; eventuais elementos que as cercam (faixas, cartazes etc).

Mas, sobretudo, tivemos grande atenção aos limites que tínhamos ao trabalhar com este material e que percebemos dito de modo expressivo, ainda, por Kossoy (1999):

seguimos buscando apreender a natureza complexa da imagem fotográfica: ‘documento fechado’, definido, delimitado pelas margens, as superfícies, portador de um inventário de informações que é, ao mesmo tempo, uma ‘representação aberta’, indefinida, real porém imaginária, plena de segredos extra-imagem que segue sua trajetória mostrando/encobrendo sua razão de ser no mundo; ‘uma aparência’ construída em eterna tensão com seu verdadeiro mistério, subcutâneo à superfície fotográfica: sua trama, sua história, sua realidade interior. Um signo à espera de sua desmontagem (Kossoy, 1999, p. 144).

3. ‘ESPAÇOSTEMPOS’ DE APRENDERENSINAR – MOVIMENTOS ESTUDANTIS NA/DA UERJ

Tramando as fotografias do acervo trabalhado com ‘conversas’ com pessoas que nela aparecem, tivemos a colaboração de inúmeros professores e ex-professores da UERJ que com narrativas enriquecedoras nos permitiram entradas diferentes ao acervo que tínhamos em mãos, identificando pessoas, acontecimentos, períodos etc. Entre estes gostaríamos de destacar: os professores José Bessa Freire e Antônio Braga Coscarelli; os reitores Ivo Barbieri e Hésio Cordeiro.

Para caracterizar um pouco do trabalho que desenvolvemos nesta pesquisa para este artigo, escolhemos fotografias de estudantes, mas incorporando narrativas múltiplas. Nesse processo, pudemos destacar alguns aspectos acerca de como os estudantes aparecem nesse acervo, como a ênfase dada ao esporte, nos primeiros anos de existência da Universidade.

Já no primeiro catálogo que consultamos – as fotografias com que trabalhamos estavam organizadas em catálogos de ‘contatos’ pelo fotógrafo –, observamos a presença

expressiva de estudantes nas fotografias nele incluídas. Entretanto, eles aparecem, exclusivamente, em dois momentos a que poderíamos chamar «oficiais»: em competições esportivas e em formaturas¹⁴. Observando esse catálogo nos situamos no contexto histórico a qual as imagens pertenciam. Vimos, durante todo o catálogo, uma forte presença de militares. O que demonstra, além das anotações de J. Vitalino, se tratar do período da ditadura militar (1964-1978), no Brasil.

Deste período, selecionamos, aqui, quatro fotos¹⁵, que nos ajudam a compreender o período histórico a que se referem:



Imagem 1.



Imagem 2.



Imagem 3.



Imagem 4.

¹⁴ Daremos ênfase nesse artigo, somente, às competições esportivas. No entanto, vale destacar que a pesquisa foi muito mais ampla, abordando temáticas como: presença de negros e negras na UERJ; o movimento estudantil da UERJ; as comunidades internacional, nacional e do Rio de Janeiro presentes na UERJ; ‘*espaçostempos*’ de ‘*aprenderensinar*’ na UERJ; festas e outras manifestações culturais na UERJ; construção e ‘*espaçostempos*’ – prédios do ‘*campus*’ Maracanã; os Reitores da UERJ. Esse acervo ganhou uma exposição organizada a partir dessas temáticas, realizada pelo Laboratório Educação e Imagem, em 2011.

¹⁵ As imagens 1, 2, 3, 4, 7 e 8 foram escaneadas dos próprios álbuns que o fotógrafo J. Vitalino organizou, as demais foram digitalizadas, mas a partir de ‘contatos’ do fotógrafo organizados por ele em álbuns.

Apesar da legenda que aparece no catálogo onde estão as fotografias só incluir o nome de Faria Lima¹⁶, conseguimos perceber que elas¹⁷ mostram a cerimônia de premiação em um evento esportivo ocorrido na Universidade. As pistas que nos levaram a essas conclusões são algumas: a presença de pessoas trajando roupas/uniformes esportivos nas quais está escrita a sigla UEG (Universidade do Estado da Guanabara); a presença do governador do então estado da Guanabara entregando um troféu.

Além disso, pudemos encontrar referências a este período na história da UERJ, em tese escrita por Mancebo (1996). Ela nos conta que na época da ditadura era comum o incentivo de atividades esportivas «para a prevenção de uma possível mobilização política estudantil». Lembramos que o representante maior da Universidade¹⁸, naquele momento, foi um dos mentores da Lei que determinou que os estudantes universitários de todos os cursos deveriam cursar pelo menos dois semestres da disciplina de Educação Física. Isso é, também, indicado por Mancebo em sua tese:

na reunião de instalação do Grupo de Trabalho da Reforma Universitária, o Reitor João Lyra Filho apresentou um documento seguido de um anteprojeto de Lei, visando colaborar com os trabalhos. A análise deste texto, reproduzido no Catálogo Geral da UEG de 1971, p. 219-226, mostra a influência das concepções do Reitor da UEG no documento final do grupo, cabendo destaque aos seguintes aspectos: (...) a preocupação em resolver e conter os conflitos governamentais com os estudantes, para o que propunha a reformulação do sistema de vestibular e o incentivo aos esportes, dentre outros (Mancebo, 1996, p. 210).

Nesse período, assim, não encontramos nenhuma outra fotografia de estudantes, em situações diferentes dessas, o que nos permite dizer que se o movimento estudantil existia, ainda não possuía visibilidade «oficial».

¹⁶ Faria Lima, que era militar, foi governador do estado do Rio de Janeiro de 1975 a 1979, após a fusão do Estado da Guanabara com o antigo Estado do Rio de Janeiro. Como era característica da época, seu mandato se deu após nomeação pelo presidente-militar Ernesto Beckmann Geisel.

¹⁷ É importante ressaltar que essas fotos fazem parte de uma mesma sequência e foram encontradas em uma mesma página de álbuns organizados pelo fotógrafo com 'contatos'.

¹⁸ O Reitor João Lyra Filho, que hoje dá nome ao principal pavilhão da UERJ, era irmão do Ministro do Exército Aurélio de Lira Tavares, do governo Costa e Silva e da Junta Militar, entre 15 de março de 1967 e 31 de agosto de 1969.

3.1. O movimento estudantil ressurge nos registros imagéticos oficiais



Imagem 5. Comemoração dos estudantes pelo direito do uso de bermudas na UERJ conquistado.



Imagem 6. Alunos do curso de Direito reivindicando papel higiênico. Legenda no cartaz «SÓ ELE NOS UNE».



Imagem 7. Sentados da esquerda para a direita Professores Ivair Coelho e Charley Fayal de Lyra. Legenda na bandeira «A UERJ NOS UNE».



Imagem 8. Assinatura de um documento. Na mesa da esquerda para direita: Prof Charley Fayal de Lyra, Reitor, e Ivair Coelho.



Imagem 9. Legenda no cartaz da fotografia «ESTATUINTE JÁ! DCE / UNE».

As cinco fotos acima foram selecionadas dos catálogos 5 e 9, organizados pelo fotógrafo, e mostram outros momentos do movimento estudantil. A imagem 5 se refere ao ano de 1985 e retrata uma comemoração de estudantes pelo direito de usar

bermuda na universidade ter sido conquistado. O catálogo do acervo não informa quanto à data, mas numa fotografia do mesmo grupo de fotos deste evento há o ano de 1985 escrito em um cartaz que os estudantes trazem. A imagem 6 retrata outra manifestação dos estudantes, que, desta vez, reivindicam papel higiênico nos banheiros. O Reitor Fayal¹⁹ aparece em algumas dessas imagens. Em conversas com Antônio Braga Coscarelli, que fez bacharelado e licenciatura em Matemática no Instituto Lafayette²⁰ no período entre 1949 e 1953 e retornou à Universidade, convidado para ser professor em agosto de 1956 e, no momento da entrevista, era vice-presidente da Associação dos Docentes da UERJ (ASDUERJ). Ele nos conta que o Reitor Fayal era muito simpático, pois tinha o intuito de se aproximar da comunidade universitária devido a sua rejeição, pois ele tomou posse da Reitoria apesar de não ter sido o candidato mais votado e devido à indicação do governador Leonel Brizola no período pós-ditadura, no momento em que tinha uma grande movimentação pelo voto direto a Reitor. Isto também justifica o grande número de fotografias, no acervo de J. Vitalino, com a sua presença em diversos eventos da universidade, no período.

As imagens 7, 8 e 9, apesar de não terem informações no catálogo, nos levaram a pensar que havia uma assembleia e que o pensamento de uma Estatuinte na UERJ, em projeto defendido pelo grupo «NOS-UNE», era um tema que mobilizavam os estudantes e, provavelmente, outros segmentos da comunidade universitária, em especial, os docentes. Na imagem 8 vemos isto mais explícito, pois aparece uma bandeira com os seguintes dizeres: «Estatuinte Já! DCE/UNE». Entretanto, na conversa com Coscarelli ele nos ajudou a identificar o evento das imagens 7 e 8: se tratava da posse do Reitor Fayal. Inclusive, ele identifica como irônico a legenda da bandeira, já que o grupo NOS-UNE foi contrário à sua posse, pois também defendia o voto direto para eleição da Reitoria.

Neste período, que corresponde ao da chamada «abertura política» – década de 1980 – abriu-se *‘espaçostempos’* para inúmeras manifestações estudantis, conforme nos afirma Brasileiro (2003): «(...) em 1979, época em que, apesar da ditadura, o movimento estudantil estava ressurgindo. Com liberdade vigiada, no entanto». É quando verificamos a presença da organização política NOS-UNE. Assim sendo, podemos concluir que sob a ótica do fotógrafo oficial da universidade, chamado a fotografar inúmeras atividades, passa a fotografar também o movimento estudantil, indicando que suas manifestações e organizações passam a ser reconhecidas pelos seus dirigentes, após meados da década de 1980.

Através destas imagens colocadas neste texto conseguimos reconhecer que elas pertencem a dois momentos históricos distintos através da identificação de diferentes

¹⁹ CharleyFayal de Lyra foi Reitor no período de janeiro de 1984 a janeiro de 1988.

²⁰ Instituto educacional privado que está na origem da UEG e da UERJ. Na sua formação, a UERJ se originou de quatro Faculdades: Faculdade de Ciências Jurídicas, Faculdade de Ciências Econômicas, Faculdade de Ciências e Letras (Instituto Lafayette) e Faculdade de Ciências Médicas.

situações em que os estudantes estão envolvidos. Nos primeiros catálogos do acervo J. Vitalino era impossível aparecer imagens que demonstrassem algum tipo de manifestação estudantil, por se referir ao período de ditadura, na qual os limites eram muito claros e todos os protestos entendidos como «subversão».

Nesse trabalho, além de afirmar as imagens como «personagens conceituais», queremos também reconhecer a história dos estudantes e desse movimento como uma questão importante para se entender a história da UERJ e os modos como os currículos que nela se desenvolviam. Para além dos «conhecimentos oficiais» presentes nos currículos aprovados, uma infinidade de outros conhecimentos e saberes eram '*praticadospensados*', formando os seus estudantes. Trabalhamos assim com a ideia de que os currículos de formação, além das propostas oficiais, incluem tudo aquilo que acontece em uma instituição envolvendo seus discentes, discentes e outros '*praticantespensantes*' dos processos educacionais '*dentrofora*' dela.

Assim, entendemos que o movimento estudantil deve ser encarado não apenas como '*espaçostempos*' de reivindicação de um grupo, mas também como '*espaçostempos*' de formação curricular, já que entendemos que a formação de cada um se dá em múltiplos acontecimentos, não se limitando apenas às salas de aula. Pensar nestes é pensar em diferentes '*dentrofora*' da estrutura institucionalizada e reconhecer que neles também são tecidos '*conhecimentossignificações*' necessários a atuação profissional e política pós-formação. Mais ainda: que estes não são inferiores aos tecidos nos '*espaçostempos*' escolares oficializados, sendo apenas diferentes mas também necessários à formação do profissional-cidadão que está sendo formado. São todos esses '*conhecimentossignificações*' que compõem os currículos de cada indivíduo. As imagens reunidas nos permitiram compreender melhor o que afirma Oliveira ao dizer:

aprendemos, portanto, através das práticas sociais que desenvolvemos e com as quais convivemos, sejam elas ligadas aos discursos e saberes formais com os quais entramos em contato, sejam elas ligadas ao que vivemos na rua, na escola, em casa, nas conversas com os amigos, nas leituras que fazemos, na TV a que assistimos. Todos esses saberes estão sempre e permanentemente articulados, sendo, portanto, impossível, destacar este ou aquele tipo de experiência como mais ou menos relevante na nossa formação (Oliveira, 2001, p. 38).

'*Aprendemosensinamos*' em conversas de bares com amigos, em filas de banco, nos recreios, nas cantinas, em conversas paralelas e é neste contexto que incluímos a participação e a organização do movimento estudantil. Consideramos, no caso deste último, que é, frequentemente, marginalizado porque tensiona e contesta questões do sistema educacional e do já estabelecido como «normal» – como o autoritarismo existente nas instituições de ensino e as políticas de apoio aos estudantes²¹, o que significa

²¹ Como, por exemplo, a reivindicação pelo direito ao passe livre, pelo direito a meia entrada em eventos culturais e, no caso das universidades, o direito ao bandeirão, alojamento, creche universitária etc., ou seja, à assistência estudantil.

questionar as decisões políticas de onde aplicar as verbas existentes, bem como de que 'espaçostempos' políticos ocupam cada um dos segmentos envolvidos nos processos de 'aprenderensinar'. Por isto precisamos pesquisar e compreender que a formação política e todas as outras – técnica; de conteúdos diversos; de formas de escrever, falar, argumentar etc – ocorre em múltiplas redes educativas²², sendo o contexto escolar uma delas.

4. À GUIA DE CONCLUSÃO

As possibilidades que o acervo pesquisado para além da questão que tratamos neste artigo nos abriu – a existência de pouquíssimos professores e professoras negras no princípio da história da UERJ (Machado, 2011); modos de organização docente nesses primórdios; destaques políticos e pedagógicos nos períodos de cada Reitor etc – nos reservou inúmeras surpresas que nos fizeram pensar nos significados complexos e estimulantes de um acervo. Entre essas está, por exemplo, aquela que um dia, em meio a um silêncio grande, na sala do Laboratório Educação e Imagem (www.lab-eduimagem.pro.br) examinávamos algumas fotografias que tínhamos reproduzido com a intenção de organizar séries a estudar mais atentamente e a coordenadora do projeto encontro no grupo que lhe coube uma fotografia de Foucault. Paramos tudo e dissemos, com aquela única foto; «temos que ir atrás» disto. Inicialmente reconhecemos que ele falara um auditório da Faculdade de Medicina, pois a mesa que aparecia na fotografia, ainda estava lá com sua madeira sólida e muito bem trabalhada. Mas levamos exatos três meses para identificar o como e o porquê: vindo ao Rio em sua última viagem para uma série de conferências na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Foucault aceitara fazer uma conferência na UERJ²³ a pedido dos professores do atual Instituto de Medicina Social que se formava naquele então, a partir de um departamento criado na Medicina.

²² Temos trabalhado com as seguintes redes educativas: a das 'prácticasteorias' da formação acadêmica; a das 'prácticasteorias' pedagógicas cotidianas; a das 'prácticasteorias' das políticas de governo; a das 'prácticasteorias' coletivas dos movimentos sociais; a das 'prácticasteorias' de uso e fruição das artes; a das 'prácticasteorias' das pesquisas em educação; a das 'prácticasteorias' de produção e 'usos' de mídias; a das 'prácticasteorias' de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas.

²³ Notícias acerca desta vinda a PUC-Rio, podemos encontrar nas referências a um Colóquio realizado nessa instituição em 2013 sob o título «Colóquio Internacional Foucault – 40Anos das Conferências A Verdade e as Formas Jurídicas». Recuperado de [<http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/instrumentos-de-pesquisa/cronologia/2013/05/coloquio-internacional-foucault-40-anos-conferencias>]. Podemos encontrar também notícias em jornais, como por exemplo: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/puc-rio-debate-palestras-de-michel-foucault-no-brasil-40-anos-depois-8312003>.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, N. (1998). *O espaço escolar e suas marcas – o espaço como dimensão material do currículo*. Rio de Janeiro: DP&A.
- ABREU, R., & CHAGAS, M. (2003). *Memória e patrimônio – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ/UNIRIO.
- ABREU, R. (2003). ‘Tesouros humanos vivos’ ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural – notas sobre a experiência francesa de distinção do ‘Mestres da Arte’. In R. ABREU & M. CHAGAS. *Memória e patrimônio – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ/UNIRIO.
- BRASILEIRO, L. M. V. (2003). De ser professor e ser militante. In G. A. N. VASCONCELOS (Org.) *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP&A.
- CERTEAU, M. de (1994). *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- CIAVATTA, M., & ALVES, N. (Orgs). (2004). *A leitura de imagens na pesquisa social – História, Comunicação e Educação*. São Paulo: Cortez.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. (1992). *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34.
- FRIJHOFF, W. (1996). Autodidaxies – XVIe-XIXesiècles. *Revue Histoire de L’Éducation*. Paris: INRP.
- HALL, E. (1994). T. *A linguagem silenciosa*. Lisboa: Relógio d’água.
- KOSSOY, B. (1999). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. S. Paulo: Ateliê Ed.
- KOSSOY, B. (1988). Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In E. SAMAIN. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec
- LARROSA, J. (2003). A arte da conversa. In C. SKLIAR. *Pedagogia improvável da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A.
- MACHADO, I. C. S. (2011). *Professoras negras na UERJ e cotidianos escolares, a partir dos primeiros tempos do acervo fotográfico J. Vitalino*. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ.
- MANCEBO, D. (1996). *Da gênese utilitária aos compromissos: uma história da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1950 – 1978)*. EDUERJ.
- MANGUEL, A. (2001). *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MOLES, A. (1991). *La imagen – comunicación funcional*. México: Tillhas/Sigma, 1991.
- MÜLLER, T. M. P. (2006). *A fotografia como instrumento e objeto de pesquisa: imagens da imprensa e do estado do cotidiano de crianças do Serviço de Assistência ao Menor (1959/1961)*. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ.
- OLIVEIRA, I. B. de. (2001). Espaços educativos cotidianos e imagens. In I. B. DE OLIVEIRA & P. SGARBI (Orgs.). *Fora da escola também se aprende*. Rio de Janeiro: DP&A.
- OLIVEIRA, I. B. de. (2003). *Currículos praticados – entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A.